

A deseuropa

EDGAR MORIN

E se vós cairdes presos na rede inextrincável do infortúnio, não será por um golpe brusco e secreto, mas pela própria tolice.

Ésquilo

O caráter suicida da guerra de 39-45 permitira ao antigo projeto de associação europeia tomar consistência logo após o desastre. A guerra fria a um só tempo mutilara o projeto, ao privá-lo das nações sob domínio soviético, e o estimulara, ao incitá-lo a constituir-se em sistema defensivo. Mas os Estados nacionais, recusando-se a abandonar a menor parcela de soberania, opuseram-se à formação de qualquer comunidade política e militar. Para contornar o obstáculo, o *curso* europeu enveredou, então, por um meandro econômico, o qual, incentivado pelo desenvolvimento econômico dos anos 50-60, levou à criação do mercado comum. Quando, finalmente, esse ficou implantado, o vazio político apareceu ao mesmo tempo que os problemas levantados pela desagregação do império soviético. Foi nessa ocasião, porém em más condições e tarde demais, que foi elaborado o tratado de Maastricht, não apenas para aperfeiçoar a união econômica, mas, também, para estabelecer estruturas políticas e sociais.

Convulsões no Leste

A queda do muro de Berlim, o desmoronamento do império soviético pareciam anunciar a hora da reunião da Europa. Mas, paradoxalmente, o mercado comum foi obstáculo para a união. Enquanto as nações submetidas ao ex-império desejavam ingressar na Europa por meio desse mercado, as disparidades econômicas tornaram impossível, de imediato e, até mesmo, num futuro previsível, sua integração. Por isso, tiveram os pedidos rejeitados. É verdade que a França propôs uma *grande confederação*, mas essa, ao invés de ser percebida como uma nova fórmula de acolhida, apareceu como forma de camuflar a recusa.

Logo, a transição do totalitarismo para a democracia, da economia burocratizada para a economia de mercado, da submissão para a soberania nacional transformou-se, por toda a parte, numa crise tríplice:

política, econômica e nacional. A crise da esperança comunista já havia suscitado um retorno às identidades nacionais, religiosas, étnicas. Mas em todo esse universo europeu que havia vivido, por vários séculos, em três impérios (o otomano, o austro-húngaro, o russo czarista, posteriormente soviético), as nacionalidades ou etnias haviam se interpenetrado de diversas formas, e a reivindicação de um Estado nacional soberano para cada etnia ou nacionalidade não poderia ter outra consequência senão encerrar, em suas novas fronteiras, etnias ou nacionalidades estrangeiras e/ou encerrar em fronteiras estrangeiras parte da própria etnia ou nacionalidade. Exasperadas pela crise econômica e favorecidas pela crise de uma democracia que não conseguia deitar raízes, as legítimas aspirações à soberania transformaram-se rapidamente em exasperações nacionalistas agressivas. Ao passo que as grandes nações do Oeste europeu haviam se constituído por meio e dentro de um processo multissecular de integração de etnias muito diversas, tal como a França integrara bretões, languedocianos, flamengos, alsacianos etc., foram as etnias dos ex-impérios, ou das nações *poliéticas* recém-criadas (como no caso da Iugoslávia) (1) que reivindicaram a soberania absoluta de Estado-nação, o que resultou no surgimento de um *etnonacionalismo* que iria rapidamente se radicalizar na forma de um *total-nacionalismo*.

No Leste prevalecem doravante os *etnonacionalismos* furiosos, exasperados ainda pelas diferenças religiosas, e, na Iugoslávia, o horror está no auge porque, ao mesmo tempo e inextrincavelmente, está ocorrendo guerra entre nacionalidades, guerra entre religiões, guerra civil. Além disso, por toda a parte, no Leste, há um retorno às virulências anticiganas e antijudias. Há enfim, e talvez principalmente, no coração da crise tríplice — política, econômica, nacional —, ou seja, na Rússia, o surgimento, neste fim de ano, na ocasião das eleições parlamentares, da síntese fatal entre nacionalismo, autoritarismo e comunismo que ameaça empurrar a grande e magnífica nação para o *total-nacionalismo*.

Assim, um processo dissociativo determinou no Leste, no melhor dos casos divórcios, no pior guerras múltiplas, das quais a mais cruel é a da Iugoslávia. No Oeste, o esforço associativo tentou se desenvolver com Maastricht em 1992, mas Maastricht foi um recomeço desajeitado, um meio-fracasso. O que se tornou realmente problemático foi a perspectiva de uma Europa política. É nessas condições que a idéia européia se encontra em crise.

Regressões no Oeste

Em face da desordem econômica do Leste, o Oeste europeu respondeu, esquecendo-se de todas suas declarações de solidariedade, insta-

lando até uma nova cortina de ferro, a qual comportava restrições de todo tipo no tocante à importação das mercadorias e à entrada das pessoas. Tudo isso foi sobredeterminado pela crise econômica e, posteriormente, política que atingiu em 1992-93 a comunidade européia. O mal econômico que avançara insensivelmente, *a passos leves de pomba*, de 1973 até a década de 80, revelou cada vez mais sua profundidade, com o aumento ininterrupto do desemprego, a diminuição contínua do ritmo de expansão, e, depois, a recessão em 1993. A reconversão profunda empreendida em período de prosperidade nas grandes nações que assentaram a potência e o sucesso sobre o carvão e o aço continuou processando-se, mas agora em época de crise, contribuindo assim para o desemprego. Os ganhos de produtividade que se tornaram vitais num mercado entregue a uma competição cada vez mais intensa foram conseguidos às custas da substituição dos trabalhadores por máquinas. As necessidades, elas também vitais, de certas empresas deslocarem suas fábricas para os países asiáticos que dispõem de mão-de-obra barata, contribuíram também para o desemprego. E, além do mais, a crise econômica é, provavelmente, apenas um aspecto de uma crise multidimensional que atinge a sociedade em que os males da civilização, as fossilizações políticas, as desagregações éticas se associam numa degradação generalizada.

Ao mesmo tempo, no Oeste, fenômenos de recuo ao âmbito da nação aparecem em toda parte. A Alemanha, a um tempo só, introverteu-se ao absorver a RDA, autonomizou-se relativamente na política internacional e, doravante situada no coração da Europa, e não mais na fronteira do Oeste, tornou-se uma potência economicamente dominante, que tende a agregar em sua volta uma *Mittel Europa*. A França tem manifestado um surto multiforme de xenofobia, tanto em relação aos imigrantes submetidos a restrições mais rígidas, quanto em relação aos Estados Unidos suspeitos de arruinar-lhe a agricultura e a cultura. Enquanto a águia alemã despertava, o galo francês cocoricava ruidosamente. A comunidade tem sua base — que é a união franco-alemã — já fissurada; para a Inglaterra, entregue ao encolhimento e esmorecimento generalizados, só vale a própria insularidade; os pequenos parceiros tremem.

Forças de desagregação atuam igualmente no Oeste: a união entre valões e flamengos só conseguiu se manter *in extremis* graças ao símbolo real. A Espanha, com o apoio também da monarquia, conseguiu moderar as forças centrífugas que, até o presente momento, se têm voltado de forma positiva, para a ampliação das autonomias. Mas a Itália conhece o avanço centrífugo do Norte, o qual, ao mesmo tempo, recusa o Estado romano e quer rejeitar o Mezzogiorno como estrangeiro.

Por toda a parte, manifestam-se, no Oeste, virulências xenófobas, inclusive em países que pareciam mais abertos para o estrangeiro como a Itália. Papaandreu entra em pânico diante da débil Macedônia ex-iugoslava e exige que a religião a que pertencem conste nos documentos de identidade dos cidadãos daquele país. Em todo lugar, procuram-se culpados para que sejam expulsos, imolados, ou seja, sirvam como bodes expiatórios.

No momento em que se caminhava para o reconhecimento do Islã como parte integrante da Europa, de modo póstumo, com a reflexão crítica da Espanha sobre 1492, de modo contemporâneo com a fixação de três milhões de muçulmanos na França, de modo prospectivo com a integração da Turquia, da Albânia, da Bósnia herzegovina, destruiu-se em Mostar a última ponte sobre o rio Neretva, a Bósnia vai ser transformada em Bantustã, os turcos são perseguidos na Alemanha e a dialética dos acontecimentos na Argélia aumenta a precariedade da sorte dos muçulmanos na França. Rejeições cada vez mais numerosas manifestam-se contra os ciganos, enquanto os judeus aparecem novamente como os desintegradores cosmopolitas das nações. O reaparecimento de um Mussolini feminino do tipo *cover-girl* e o surgimento de um nacional-socialista russo "mais para histrião do que para *hitlerião* *", não chegam a assinalar um retorno do *fascismo*. No entanto, esses são sinais grotescos de uma degradação profunda e de uma nova ameaça mortal para as democracias européias.

É verdade que existe, por toda parte, uma recrudescência do neofascismo e do neonazismo, mas tais grupos permanecem (até quando?) minoritários e não acredito na ressurreição das fórmulas nazistas ou mussolinianas. Acredito, porém, que novas fórmulas, reunindo no caldo de cultura da crise, ingredientes antigos e heterogêneos do nacionalismo, do socialismo, do tradicionalismo e da revolução, se elas se cristalizarem em torno de um guia carismático, poderão, talvez, constituir uma ameaça para alguns de nossos países e submergi-los.

A degradação da idéia de Europa

De qualquer forma, a impotência do Oeste europeu na crise iugoslava e no despedaçamento da Bósnia tem sido um fator interno de esmorecimento muito forte nas duas Europas. É verdade que, quando essa crise começou, o Oeste não havia ainda tido tempo para realizar sua comunidade política, diplomática e militar, mas não há dúvida de que

* *Hitlerião* em francês *hitlerion*: termo paródico e assonante (*histrion-hitlerion*). Trata-se de uma criação do autor. (N. T.)

uma impotência como essa faz malograrem *no ovo* as tentativas de constituir uma comunidade desse tipo. Sarajevo, a cidade por excelência da convivência *poliétnica*, prefiguração concreta da Europa a que aspiramos, está sendo lentamente assassinada sob nossos olhos e tal assassinato consuma, ao mesmo tempo, o suicídio da Europa...

Na degradação da idéia de Europa, formam-se novamente as antigas linhas de força geopolíticas; a reconstituição de uma potência central germânica enorme leva o Oeste a deixar agir a Sérvia, núcleo de um futuro contrapeso balcânico e eslavo e, por isso, toleram-se as deportações étnicas, uma vez que são indispensáveis para a constituição de uma Sérvia forte. Nesse sentido, a Quinta República há de acolher um dia em Paris o futuro czar da Rússia, como o fez a Terceira República para se precaver contra a Alemanha... A não ser que, ao oposto, se realize a aliança germano-russa — os parceiros dividindo novamente a Europa entre si —, que exerceria tutela sobre o Oeste europeu...

De qualquer modo, em muitos lugares, o próprio temor de assistir ao retorno da situação anterior a 1914, contribui para o retorno desta. Em muitos lugares, forças de regressão, de retraimento, de desagregação estão agindo. Na realidade, ao ingressar no mercado mundial, o Leste ingressou na crise do Oeste, e, ao despertar-lhe os nacionalismos, o Oeste ingressou na crise do Leste.

O novo desígnio europeu

Diante de tantos perigos, a única resposta é associativa, é a da Europa política. Ora, nem todas as dificuldades atuais provêm da má conjuntura atual e dos processos de decomposição que ameaçam exatamente o que tenta se compor, elas vêm também de problemas de fundo que até agora têm sido ignorados. Se o projeto de uma Europa política e o de uma Europa econômica devem ser complementares, eles não apresentam apenas diferenças, mas também antinomias. Como bem o ressaltou Dominique Wolton num livro para ser meditado (2), a Europa econômica funda-se em interesses e a Europa política em valores; a Europa econômica constituiu-se num princípio de homogeneização (chamado harmonização), enquanto uma das finalidades da Europa política é salvaguardar suas diversidades culturais.

Por outro lado, existe uma dificuldade intrínseca em constituir uma democracia europeia; essa não poderia ser apenas a justaposição das democracias nacionais. De fato, nascidas nas cidades, as democracias tornaram-se instituições nacionais no decorrer dos tempos modernos, mas enquanto a Europa não tiver adquirido consistência, é difícil imaginar que a democracia possa se exercer eficientemente em nível europeu.

Todavia, podem ser concebidas vias que a ela conduzam: seriam, por um lado, a formação e a multiplicação de partidos transnacionais (socialista, democrata-cristão, centrista, de direita etc.) e de sindicatos (de trabalhadores, rurais, patronais) igualmente transnacionais. Por outro lado, a fragilidade democrática em escala continental precisaria ser compensada por uma revitalização democrática das bases urbanas e regionais. Nesse ponto também a Europa não pode ser apenas metanacional e transnacional, tem de ser também infranacional.

Mais ainda: a Europa é uma Bela adormecida que precisa de um desígnio próprio para despertar. Esse desígnio pode ser elaborado partindo de problemas efetivamente comuns, problemas que não são unicamente quantitativos (número de desempregados, índices de produção), não são unicamente econômicos (estagnação ou depressão); são também problemas de civilização.

A Europa, continente das extremas diversidades, singularidades, individualidades precisa superar o mundo anônimo e mecânico, que obedece à lógica da máquina artificial, a qual invade todos os aspectos da vida diária e degrada a qualidade de vida. A Europa precisa superar a atomização que se generaliza na sociedade urbana na qual a perda das antigas solidariedades só foi parcialmente compensada pelo surgimento de solidariedades administrativas, mas carece das solidariedades concretas, de pessoa para pessoa, de grupo para grupo, a não ser, vez ou outra, em caso de cataclismo. Precisa ressuscitar as cidades onde existem aglomerações com siglas bárbaras, vitalizar as pequenas cidades. Precisa dar nova vida às cidades rurais — os chamados burgos — promovendo as descentralizações que o desenvolvimento das bases domésticas de trabalho proporciona. Precisa também salvaguardar sua biosfera, suas águas, florestas, paisagens. Precisa regular o fluxo arrasador da mercadização que, conforme a profecia de Marx, tende a destruir as relações de serviço, dom, gratuidade, implantando em todo lugar o preço e o lucro. Precisa compensar a inevitável reconversão econômica que elimina as grandes indústrias do carvão, do aço, do têxtil não se limitando a desenvolver indústrias de ponta e PMEs* criativas, mas também estimulando o desenvolvimento de novas atividades voltadas para a educação, a solidariedade, a convivência. Precisa resistir à desertificação do interior e evitar o domínio das grandes fazendas, ameaçadas, elas também, a médio ou longo prazos, pela concorrência internacional, favorecendo uma revitalização rural graças às formas *orgânicas* da agricultura sem nitrogênio nem pesticidas e à criação de animais sem hormônios. Precisa

* PME: *Petites et moyennes entreprises* (Pequenas e médias empresas); o sindicato patronal que as representa. (N. T.)

desenvolver muitos setores nos quais a competição econômica não dependeria dos avanços contínuos da automatização que suscitam uma corrida desenfreada para a produtividade, mas, ao contrário, da promoção das qualidades e especificidades. Precisa estabelecer a relação entre o problema do desemprego e o da técnica, do lucro, da civilização e, por isso, precisa de uma reflexão capaz de interligar os problemas, contextualizar os dados, integrar o conhecimento das partes ao conhecimento do todo. Precisa de um pensamento político que não se feche no econômico e no quantitativo e reexamine os problemas da sociedade. Com outras palavras, trata-se de um projeto a uma só vez de reforma do pensamento, de educação, de solidariedade, de qualidade da vida, de convivência. Esse projeto é que deveria ser o desígnio europeu.

Tudo isso supõe, é verdade, a consciência de uma comunidade de destino e a vontade de assumir esse destino comum: reciprocamente um desígnio* comum contribuiria à comunidade de destino* e à concretização de uma vontade comum.

Uma dimensão suplementar impõe-se, como força cada vez maior, para nos ajudar a adquirir uma consciência comum: os mapas geográficos das recentes conferências internacionais sobre o Pacífico revelaram-nos que, comparada às massas enormes dos dois continentes situados à beira do Pacífico, a Europa tornou-se agora periférica, ficou doravante reduzida ao tamanho da Suíça dentro da própria Europa. Não, a Europa não é apenas o bloco econômico poderoso que poderia aspirar à primazia no mundo, ela é, também, uma pobre e querida velha coisinha que, de agora em diante, deve proteger e revivificar suas diversidades, culturas, heranças.

Quanto à ameaça, que existe realmente, não apenas dos retraimentos etnocêntricos e das febres nacionalistas, mas da volta dos antigos antagonismos, é preciso reconhecer a legitimidade do retorno às fontes étnicas e nacionais, mas, ao mesmo tempo, inscrevê-las na velha matriz e, por outro lado, a comunidade europeia — e esta mesma comunidade transformada em província do planeta —, deve ser inscrita em nossa matriz terrestre e comunidade — planetária — de destino. Assim, as pátrias devem se inscrever concenticamente umas nas outras e os enraizamentos devem se efetuar mais profunda e amplamente em nossa identidade humana e terrestre. Nessas condições, o retorno às fontes das identidades étnicas e nacionais perderia seu caráter de fechamento re-

* Desígnio e destino (em francês *dessain* e *destin*). Termos freqüentemente associados em francês não apenas por assonância, mas por certa afinidade. Ambos são termos *nobres*. (N. T.)

gressivo e agressivo. Dessa forma é que reencontramos o duplo imperativo válido universalmente, mas singularmente para a Europa em crise: associação/autonomia.

É assim que a idéia de um Desígnio ou *New Deal* europeu precisa, para tomar corpo, das idéias de comunidade de destino e de retorno às múltiplas fontes européias, idéias, essas, que, por sua vez, precisam, para tomar corpo, da idéia de Desígnio europeu. O que, de imediato e fundamentalmente está em jogo para que tomem corpo esses três termos depende do conflito multiforme que opõe, tanto no Leste como no Oeste, as forças da associação e as da barbárie. Esse é o desafio gigantesco do ano de 1994 e, provavelmente, dos dois ou três anos seguintes em que deveriam ser efetuadas as bifurcações decisivas. O primeiro *set* parecer ter sido ganho pela associação em 1989-90; depois, o segundo, em 1992-93, foi ganho pela barbárie. Estamos iniciado o terceiro *set* em más condições. Mas, já que com o perigo cresce também aquilo que salva, o perigo da catástrofe é nossa última esperança.

Notas

- 1 Lembremos que, em 1945, a Tcheco-Eslováquia procedeu à limpeza técnica dos alemães dos Sudetos, enquanto a Rússia soviética anexava a seu território a Ucrânia subcarpática. No ano passado, a Tcheco-Eslováquia cindiu-se em dois Estados independentes: a República tcheca e a Eslováquia.
- 2 *La dernière utopie, naissance de l'Europe démocratique*, Flammarion.

Edgar Morin é sociólogo, co-diretor do Centro de Estudos Transdisciplinares da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris. É autor de *La méthode*, obra epistemológica em quatro volumes, e de *Penser l'Europe, Introduction à une pensée complexe* e *Un nouveau commencement*, entre outros livros.

"A Crise da Europa Hoje" foi o tema da Conferência do Mês do IEA feita pelo autor em 11 de novembro de 1993.

Tradução de Jean Briant. O original em francês - *La deseurope* - encontra-se à disposição do leitor no IEA para eventual consulta.